DAS PROPOSTAS EM TORNO DA PARASSÍNTESE: UM PROBLEMA DO RÓTULO OU DE CONCEITUAÇÃO?

Caio Cesar Castro da Silva (Mestrando em Língua Portuguesa, UFRJ)

caiocvianna@gmail.com

RESUMO: Neste trabalho, serão discutidas, com base em compêndios gramaticais e na literatura lexical, as várias propostas para a descrição morfológica da parassíntese. As vantagens e desvantagens de adotar cada uma das hipóteses serão apresentadas, dando um maior realce à proposta de circunfixação, que parece dar o melhor tratamento aos dados. Será utilizado o conceito de morfes descontínuos, que são formas que se dividem para a inserção de uma outra forma em seu interior. No caso da circunfixação, a base (como *barco*) seria o "recheio" (de *embarcar*) inserido entre o circunfixo en-X-ar. Diante desse quadro, a validade da proposta será evidenciada através de uma análise que leve em consideração os aspectos morfológicos, sintáticos e também semânticos do processo derivacional em questão. Faremos, além disso, um estudo de dados formados pelo circunfixo en-X-ar (como *embarcar*, *enrolar*, *ensaboar*) tomando por base a Fonologia Lexical. Para tanto, abordaremos a noção de léxico estratificado e o que isso implica na adoção da hipótese de circunfixação.

Palavras-chave: circunfixação, grupos en-X-ar, fonologia lexical

Introdução

Poucos trabalhos na área da morfologia derivacional têm se preocupado em verificar a parassíntese, que é definida, em linhas gerais, como a adjunção simultânea de um prefixo e um

sufixo a uma base. Mesmo assim, podem-se encontrar algumas considerações sobre o processo que vão desde um sufixo sem propriedades fonéticas até a proposta de um novo item morfológico, o circunfixo.

Neste trabalho, pretende-se explorar algumas dessas discussões, como a análise empreendida por Bechara (2009), que propõe uma formação proveniente de base virtual, ou seja, sem recorrência na língua (*embarcar* viria de *embarco ou *barcar, e não de *barco*); a proposta de um sufixo zero para formações parassintéticas em -ar (MONTEIRO, 1987; CARONE, 1994); a ausência do fator semântico nas análises da tradição gramatical e de alguns morfólogos (CUNHA & CINTRA, 2007); e a interpretação das frações da parassíntese como circunfixos (MEL'• UK, 2006; HENRIQUES, 2007).

Além disso, pretende-se analisar a formação en-X-ar, responsável por gerar vocábulos como *embarcar*, *embolar*, *engordar* e *entortar*, por exemplo. Para tanto, a Fonologia Lexical (KIPARSKY, 1982; KATAMBA, 1993; LEE, 1995) será utilizada como arcabouço teórico. Busca-se, pois, estabelecer um padrão dos verbos do *corpus* a partir de regras morfológicas, bem como observar os grupos de afinidade que subjazem a essas formalizações. A amostra utilizada para este trabalho foi coletada no dicionário eletrônico Houaiss (2009) e contém 170 dados.

Preparando o terreno: breves considerações sobre o aporte teórico

O léxico foi durante muito tempo compreendido como um armazém de idiossincrasias – ou foras da lei, como afirmaram Di Sciullo & Williams (1987) – sendo vetada a entrada de qualquer informação regular e previsível. Com a atenção recebida, sobretudo a partir da publicação de Chomsky (1970), essa perspectiva foi deixada de lado e os estudos lexicais voltaram à cena com grande foco, principalmente, na formação de palavras, como lembra Basilio (1999).

Dentre os modelos de descrição e análise lexical propostos desde então, está o da Fonologia Lexical (doravante FL), que será adotado neste trabalho. Esse modelo (KIPARSKY, 1982; MOHANAN, 1986) elege a palavra como unidade de análise morfológica, em vez do morfema, já que (i) aquela ativa, ao menos, um significado e (ii) alguns processos morfológicos têm como *input* uma palavra, como a composição. Dessa forma, aproxima-se dos modelos de palavra-paradigma.

A perspectiva da FL prevê também um léxico estratificado e composto pela interação entre processos morfológicos e regras fonológicas. Nesse sentindo, após a aplicação de um processo morfológico, uma regra fonológica seria ativada, mantendo uma estrutura cíclica, que vem sendo questionada por alguns teóricos (HALLE & MOHANAN, 1985; KIPARSKY, 1985; BOROWSKY, 1993).

Seguindo Katamba (1993) e Lee (1995), entendemos que o léxico é um domínio dividido em dois níveis de interface morfologia-fonologia, em que regras fonológicas sucedem processos morfológicos. Os afixos derivacionais irregulares, assim como a flexão irregular, seriam aplicados no nível 1, ao passo que os mais gerais e regulares, no nível 2. A flexão regular e as formações produtivas, como o diminutivo, também estariam no segundo nível. Para esquematizar o mecanismo de funcionamento do léxico, em linhas gerais, pode-se dizer que uma representação subjacente passa pelas várias operações gramaticais (como derivação, flexão, composição etc), bem como pelas regras fonológicas lexicais, gerando uma representação lexical que serve de *input* aos processos sintáticos.

Como foi dito, uma das principais premissas do modelo é que a palavra seja a unidade básica de análise, o que tem importantes consequências, uma vez que, ao final de cada nível, a forma de saída deverá ser, invariavelmente, uma palavra. Isso implica que as regras lexicais

devam preservar a estrutura interna, sem que haja violação das condições de formação de palavras.

Algumas propostas sobre a parassíntese

Faremos, nesta seção, um panorama sobre algumas propostas correntes na literatura tradicional e derivacional sobre a derivação parassintética. Uma delas é a de Bechara (2009), que indicia que a formação por parassíntese teria por *input* uma forma teórica. Para exemplificar, podemos recorrer aos verbos *enfear* e *engarrafar* que viriam das formas *enfeio e *engarrafa, ou *fear e *garrafar, respectivamente. Ora, para a descrição teórica que estamos abordando aqui é incompatível prever uma forma teórica como formadora de um item lexical, porque a unidade básica de análise é a palavra.

Alguns autores (CARONE, 1994; VILLALVA, 2000; MONTEIRO, 1987) propõem uma posição sufixal vazia (exemplos em (1)) ou um sufixo zero (exemplos em (2)) para os verbos terminados em *-ar*, como os apresentados abaixo:

(1) en- + gordo + ... + -ar ➔ engordar

a- + nota + ... + -ar ➔ anotar

(2) en- + gordo + Ø + -ar ➔ engordar

a- + nota + Ø + -ar ➔ anotar

Como já foi argumentado em Castro da Silva (2010), os enfoques adotados pelos autores, embora tentem solucionar algumas questões, acabam por acrescentar novos problemas para a descrição morfológica da parassíntese. Sabe-se que a parassíntese pressupõe a anexação

simultânea de um prefixo e um sufixo a uma base, e que a mudança categorial é, via de regra, de responsabilidade dos sufixos (BASILIO, 1993). Contudo, os exemplos em (1) seriam formados a partir de um prefixo, já que a posição do sufixo é vazia. Isso constitui um entrave para a descrição morfológica e, por isso, preferimos não adotar essa proposta.

Nos exemplos em (2), por sua vez, expedientes flexionais são usados para explicar a formação de palavras. O zero morfêmico é, nas palavras de Bybee (1985: 4), *um tipo de distúrbio no mapeamento de um-para-um entre som e significado*. Segundo Monteiro (1987), em vocábulos como *entardecer*, *enriquecer*, *esquartejar* e *esbravejar*, por exemplo, percebem-se entidades fonéticas que são portadoras de significado; no caso, são os sufixos *-ec* e *-ej*, que tem valores aspectuais, respectivamente, de incoatividade e repetição (HOUAISS, 2009). Ao contrário, nos exemplos em (2), haveria um zero morfo-fonético, uma vez que não há uma partícula morfêmica, nem o som correspondente.

Ainda sobre o zero, Bybee (*op. cit*) e Gonçalves (2005) assinalam que é um artifício utilizado para tentar uniformizar as descrições estruturais. Por isso mesmo, está vinculado a categorias mais básicas e não marcadas da língua. No português, aparece com frequência no gênero masculino, no número singular, na terceira pessoa do singular e no tempo presente. Essas categorias mais básicas costumam não ter representação fonética nas línguas (BYBEE, *op. cit*.) e tendem à manifestação flexional, o que reforça a hipótese de que o morfema zero deva servir a necessidades da morfologia flexional.

Dessa forma, a aplicação do morfema zero, que tem forte valor gramatical, à derivação não acarreta grandes benefícios, uma vez que a toda entidade sem valor morfológico e sem representação fonética seria possível postular um morfema zero.

A tradição gramatical (CUNHA & CINTRA, 2007; ROCHA LIMA, 2008) em língua portuguesa, por sua vez, tem adotado a conceituação de parassíntese com base no critério de simultaneidade, ou seja, o prefixo e o sufixo que participam do processo devem ser adjungidos ao mesmo tempo. Com isso, a palavra não seria licenciada no léxico da língua sem uma de suas partículas. Podemos ilustrar com o verbo *empoleirar*, donde as formas **empoleiro* e **poleirar* não são reconhecidas pelos falantes.

Basilio (2007) e Kehdi (2003) argumentam que, em se adotando estritamente esse critério, não se leva em conta a contraparte semântica que permeia os itens lexicais. A existência de *riscar* não exclui, ao contrário do que defende alguns teóricos, a possibilidade de *arriscar* ser parassintético, pois seus significados diferem: aquele significa 'fazer riscos', enquanto este 'expor a risco'. Assim, o critério simultaneidade por si só não indica o que pode ser considerado como um derivado por parassíntese.

De forma análoga discute Bassetto (1993) ao pesquisar a origem do termo e observar sua conceituação desde a tradição greco-latina aos manuais de agora. O autor defende que a proposta dos gregos, que cunharam o termo, acomoda mais satisfatoriamente a análise derivacional, pois, em sua origem, parassíntese designa a anexação de uma partícula a um síndeto, sendo este qualquer palavra composta ou derivada que tenha significação na língua. A simultaneidade teria sido pinçada nos autores latinos e não teria qualquer relação com o processo, conforme Bassetto.

Pela proposta do autor, palavras como *contentamento* e *inexplicável* seriam parassintéticas, posto que encerram a anexação de uma partícula, *-mento* e *in-*, a um síndeto, *contentar* e *explicável*, respectivamente. No entanto, sincronicamente, a proposta causaria problemas para a descrição morfológica, já que, em muitos casos, as derivações prefixal e sufixal seriam consideradas parassintéticas, como nos exemplos arrolados.

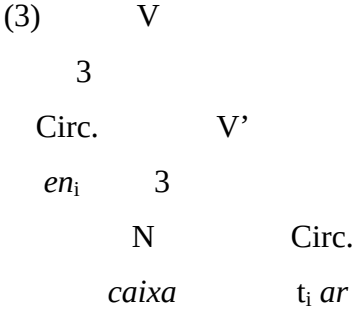
Até agora, as propostas de descrição da parassíntese não acomodam adequadamente todos os dados e não atendem às necessidades do modelo que assumimos, i.e., a FL. A seguir, verificaremos, então, a hipótese de circunfixação (HENRIQUES, 2007; GONÇALVES, 2005).

Como o próprio nome indica, circunfixos são partículas morfológicas inseridas no início e ao fim de uma palavra base, havendo, para isso, o seu desmembramento. Sobre isso, Guevara (2007: 8) afirma que:

> Superficially, circumfixation and parasynthesis are the same phenomenon: simultaneous attachment of two morphological elements, one to the left and one to the right of the base. This is the reason why many morphologists use the terms parasynthesis and circumfixation as synonyms. On the other hand, other researchers make instead a principled distinction between them based on a fundamental criterion: only in circumfixation do the interrupted parts form a single morphological constituent.

A estrutura interna da circunfixação seria, então, a apresentada no esquema em (3). Percebe-se que a fração correspondente a *en-* é movida para a posição anterior ao *input* e a outra parte, *-ar*, permanece na posição de afixação. O circunfixo, literalmente, se separa para a inserção da base, que deve ter livre-curso na língua.

(3)



Conforme foi mostrado ao longo da seção, não há um consenso em torno das propostas de descrição morfológica da parassíntese. Neste trabalho, estamos adotando a hipótese de circunfixação, ainda que haja a implicação de ampliar o inventário morfológico do português. Com essa medida, respondemos ao questionamento que nos orientou desde o princípio do trabalho: as descrições disponíveis na literatura tradicional e derivacional não acomodam satisfatoriamente o processo ou há um problema em relação à nomenclatura adotada? De acordo com o que nos apresenta Bassetto (1993), a etimologia da palavra "parassíntese" não tem qualquer relação com a noção que é adotada atualmente: não havia na concepção grega qualquer menção à simultaneidade.

De fato, as descrições não satisfazem o processo derivacional, nem o rótulo adotado é pertinente à sua concepção. Preferiu-se, pois, adotar um novo rótulo, circunfixação, e uma nova ideia do que se entende pelo processo. Recorremos a Castro da Silva (2010) para defender a adoção de circunfixos no quadro da morfologia, evidenciando suas vantagens:

> a proposta do circunfixo (...) gera novas palavras a partir de bases recorrentes na língua; satisfaz a Hipótese da Ramificação Binária, já que à base se anexa um circunfixo; garante a presença do prefixo e sufixo por meio de morfes descontínuos; e confere ao fator semântico relevância na constituição do processo.

A circunfixação à luz da FL

Lee (1995) afirma que a derivação parassintética[1] é ativada no primeiro nível do léxico, posição com a qual concordamos, já que toda derivação se dá nesse estrato, salvo os casos de

diminutivos, sufixos de grau, entre outros, como já foi citado. Entretanto, segundo o autor, a estrutura interna dos parassintéticos seria a demonstrada em (4).

(4) $[[en\ [cena]]_N\ ar]_V$ e $[[en\ [cabeça]]_N\ ar]_V$

Acreditamos, ao contrário, que a estrutura seja a apresentada em (3), já que no âmbito da FL a forma de saída de cada nível deve ser uma palavra. Assim, haveria uma única anexação, do circunfixo à base, seguida da separação entre as partes componentes do circunfixo. Para exemplificar, podemos demonstrar que o circunfixo en-X-ar se anexa à base nominal *cuca* no nível 1, no qual ocorre também a divisão dos morfes descontínuos que passam a circundar a base. No nível 2, o *input encucar* recebe a flexão.

Com isso, remontamos à Basilio (1993) que afirma ser *–ar* um sufixo derivacional e flexional em português, porque atua tanto na mudança categorial quanto recebe traços de modo, tempo e aspecto e número e pessoa. Ademais, com o esquema em 3, preserva-se a estrutura interna, uma das maiores premissas do modelo da FL, ao gerar uma palavra como forma de saída em cada um dos níveis.

Os dados de en-X-ar

Em português, podem-se distinguir quatro circunfixos que atuam na formação de verbos no português: a-X-ar, que forma *alistar*, *apaixonar* e *aterrar*; en-X-ar, que forma *entortar*, *empacar* e *enquadrar*; es-X-ar, com os vocábulos *esfarelar*, *esmurrar* e *esquentar*; e e/N/-X-ecer, com *entardecer*, *enriquecer* e *envelhecer*, por exemplo. Há, também, o circunfixo a-X-ecer que deixou de ser produtivo, mantendo-se apenas nas palavras de grande frequência no léxico, como

agradecer, *amanhecer* e *apodrecer*. Dentre esses circunfixos, será objeto de análise, no presente estudo, a construção en-X-ar.

Como já foi dito, o *corpus* utilizado para o trabalho foi coletado do dicionário eletrônico Houaiss (2009) e conta com, aproximadamente, cento e setenta palavras. A partir do seu exame, foi possível estabelecer limites semânticos entre os itens e dividi-los em dois grandes grupos: locativo e resultativo. De acordo com Machado (1973) e Cunha (1999), a fração circunfixal *e/N/-* tem origem na preposição latina *in*, que podia significar "dentro de", "sobre", "movimento para dentro" e "transformação", por exemplo. Destes, a duas últimas acepções parecem estar presentes nos grupos semânticos identificados, porque locativo pressupõe o movimento de algo para dentro, enquanto que a resultatividade está intimamente relacionada à transformação de um elemento em outro.

O grupo locativo é resultado dos verbos que, prototipicamente, denotam um espaço para a retenção de algo, podendo adquirir extensões de sentido por motivação metafórica e/ou metonímica[2]. Alguns exemplos desse grupo são apresentados no quadro a seguir.

Subgrupo locativo A	**Subgrupo locativo B**
Embotijar	Empalhar
Empacotar	Encapuzar
Encarcerar	Enfiar
Encaixotar	Envenenar
Enfocar	Encerar
Empilhar	Enfaixar

A categoria gramatical das bases que servem de *input* para o processo neste grupo é, invariavelmente, um substantivo, o que já era esperado, uma vez que a noção de espacialização só pode ser expressa por um substantivo. Já as formas de saída serão sempre verbos.

A observação dos dados do grupo locativo nos permitiu subdividi-lo em dois, como demonstram os exemplos acima. Os verbos do subgrupo locativo A serviriam à paráfrase "pôr em X", no qual X é a base. Assim, *embotijar* é "pôr em botija", *encaixotar* é "pôr em caixote", e assim por diante. Ao contrário, no subgrupo locativo B, os exemplos podem ser parafraseados da seguinte maneira: "pôr X em", em que *empalhar* é "pôr palha em", *envenenar* é "pôr veneno em" etc.

O segundo conjunto de itens lexicais formados pela construção en-X-ar expressa um processo de transformação, também conhecido como resultatividade (LEITE, 2006). Nesse caso, a parassíntese pode operar sobre bases substantivas ou adjetivas, tendo como *output* um verbo. Observemos alguns dados:

Subgrupo resultativo A	**Subgrupo resultativo B**	**Subgrupo resultativo C**
Embabacar	Embestar	Empoeirar
Enviuvar	Empacar	Encatarrar
Emprenhar	Endeusar	Enciumar
Encrespar	Enrolar	Engordurar
Engordar	Embonecar	Enrugar

No subgrupo resultativo A, todas as bases são adjetivos e o resultado tem como paráfrase "ficar X". Logo, *enviuvar* pode ser traduzido por "ficar viúvo", *encrespar* por "ficar crespo" etc.

Esse subgrupo seria o protótipo do conjunto que expressa a resultatividade na parassíntese, uma vez que se assemelha bastante com os dados formados por terminação *-ecer*, como *envelhecer* (ficar velho), *entristecer* (ficar triste), *amadurecer* (ficar maduro), por exemplo.

No subgrupo B, verifica-se um espraiamento do sentido resultativo motivado, principalmente, pela mudança na base sobre a qual a regra se aplica: todos os dados têm um substantivo por *input*. Dessa forma, a paráfrase para vocábulos como *empacar* e *embonecar* seria "ficar como X".

Os *inputs* para o subgrupo resultativo C também são substantivos, sendo os itens de saída parafraseados por "ficar com X". *Empoeirar* é, portanto, "ficar com poeira", *enrugar* é "ficar com ruga", *enciumar* é "ficar com ciúme" e assim por diante.

Como já foi dito, o processo de circunfixação ocorre no primeiro nível do léxico. A partir da datação encontrada nos dicionários etimológicos consultados (BUENO, 1967; CUNHA, 1999; MACHADO, 1973), pudemos constatar que en-X-ar é ainda produtivo no português, pois 19% dos dados do nosso *corpus* têm o século XX como data de entrada na língua. Baseados nessa informação, postulamos duas regras de formação de palavras, a do esquema (5) para o grupo locativo e a apresentada em (6) para o grupo resultativo:

(5) No nível 1

Insira $[X]_N$ no ambiente [e/N/_____ a/R/]$_V$

Output: [e/N/ $[X]_N$ a/R/]$_V$

(6) No nível 1

Insira $[X]_{N/\ Adj}$ no ambiente [e/N/_____ a/R/]$_V$

Output: [e/N/ $[X]_{N/\ Adj}$ a/R/]$_V$

Considerações finais

Neste trabalho, analisamos algumas possíveis descrições formais sobre a parassíntese, bem como fizemos um breve panorama sobre os mais recentes estudos sobre o tema. Esperamos ter demonstrado que a hipótese de circunfixação acomoda mais satisfatoriamente os dados, posto que considera o fator semântico e está imbuída do preceito básico do processo: a união entre prefixo e sufixo, no caso, morfes descontínuos.

Além disso, verificamos os verbos formados pela construção en-X-ar através do aparato teórico da Fonologia Lexical. Corroborando, de certa maneira, a análise de Lee (1995), postulamos que a anexação da base aos circunfixos ocorre no primeiro nível do léxico.

ABSTRACT: This paper investigates the main hypothesis addressing morphological description of the parasynthesis. It shows the advantages and disadvantages of adopting each one of the hypotheses and places emphasis on circumfixation. In order to do so, it resorts to the conception of discontinuous morpheme, which is a morpheme that is interrupted by the insertion of a lexical unit. In other words, the base splits the derivational morpheme into two parts. The validity of such proposal is supported by analyses that take into account not just the morphological and syntactic aspects, but also the semantic ones. In addition, the paper also analyzes words formed by the *en-X-ar* construction in Brazilian Portuguese, such as *embarcar* (to board), *enrolar* (to roll) and *ensaboar* (*to soap*), based on the theoretical frame of Lexical Phonology. Therefore, it discusses the notion of stratified lexicon and what the adoption of the circumfixation hypothesis implies to our theoretical perspective.

Keywords: Circumfixation, en-X-ar groups, Lexical Phonology.

REFERÊNCIAS

BASILIO, M. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 2007.

_____. "Verbos em -a(r) em português: afixação ou conversão?". In: *Revista D.E.L.T.***A**. São Paulo: vol. 9, número 2, 1993.

_____. "A Morfologia no Brasil: indicadores e questões". In: *Revista D.E.L.T.A*. São Paulo: vol. 15, número especial, 1999.

BASSETTO, B. F. *A parassíntese*: *Teoria e Prática*. Essen: Verl. Die Blaue Eule, 1993.

BOROWSKY, T. "On word level". In: HARGUS, S. & KAISSE, E . (eds.) *Phonetics and Phonology, 4*. San Diego: Academic Press, 1993. p. 199-232.

BYBEE, J. *Morphology: the relations between meaning and form*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 1985.

CARONE, F. de B. *Morfossintaxe*. São Paulo: Ática, 1994.

CASTRO da SILVA, C.C. "As cabeças de Janus: em defesa da circunfixação". In: *Cadernos do NEMP*, n. 1, 2010.

CHOMSKY, N. Remarks on Nominalization. In: JACOBS, R. A. e ROSENBAUM, P. S. (orgs.) *Readings in English Transformational Grammar*. Waltham, Mass: Ginn & Co, 1970.

CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

CUNHA, C. F. da & CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexicon Informática, 2007.

DI SCIULLO, A. M. & WILLIAMS, E. *On the definition of word*. Cambridge: The MIT Press, 1987.

GONÇALVES, C. A. *Flexão e derivação em português*. Rio de Janeiro: Ed Faculdade de Letras da UFRJ, 2005.

GUEVARA, E. "Binary branching and linguistic theory: lel 2007 example". In: *Lingue e Linguaggio*, VI. 2, 2007, p. 1–11.

HALLE, M. & MOHANAN, K. P. "Segmental phonology ofModern English". In: *Linguistic Inquiry* (16), 1985, p. 57-116.

HENRIQUES, C. C. *Morfologia: Estudos lexicais em perspectiva sincrônica*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2009.

KATAMBA, F. *Morphology*. New York: St. Martin's Press, 1993.

KEHDI, V. *Formação de palavras em português*. São Paulo: Ática, 2003.

KIPARSKY, P. "Lexical Morphology and Phonology". In: *Linguistics in the Morning Calm. Seoul*, 1982, p. 3-91.

_____. "Some consequences of Lexical Phonology". In: *Phonology Yearbook* (2), 1985, p. 85-138.

MACHADO, J. P. *Dicionário etimológico da língua portuguesa: com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados*. Lisboa: Livros Horizonte, 1973.

MEL'• UK, I. *Aspects of the theory of morphology*. Berlim: Mouton de Gruyter, 2006.

LEE, S-H. *Morfologia e fonologia lexical do português do Brasil*. (Tese de Doutorado) Campinas: Unicamp, 1995.

LEITE, M. A. *Resultatividade: um estudo das construções resultativas em português*. (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

MOHANAN, K. P. *The Theory of Lexical Phonology*. Dordrecht: Reidel, 1986.

MONTEIRO, J. L. *Morfologia Portuguesa*. Fortaleza: EDUFC, 1987.

ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

VILLALVA, A. "Estrutura Morfológica básica". In: MATEUS, M. H. M. *et al. Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003.

[1] A nomenclatura é adotada pelo autor.
[2] Em *enfocar*, a base foco não é propriamente um local como caverna, de *encavernar*, é. Entretanto, por processos cognitivos, que não serão discutidos aqui, é compreendida como tal.